

Esta é uma carta de uma serva para o mundo – Adaptação para adolescentes

Olá, o meu nome atual é Defred e é assim que me vais conhecer ao longo desta história. No entanto, já tive outro nome há muito tempo atrás, posso dizer-te até que foi numa outra vida, mas quanto ao meu nome não me consigo recordar qual era. Já, já, vou contar-te tudo de modo a perceberes melhor esta história que é minha, mas que pertence a tantas outras mulheres.

Eu vivo em Gileade, uma república fundamentalista, onde se instaurou a censura, o controlo obsessivo, a submissão e a servidão perante as mulheres. Vivo numa sociedade onde as desigualdades de género existem e persistem e, sendo mulher, não me é permitido contestar esta realidade. Em tempos, esta república fora um país livre. Eu tinha um trabalho, um marido e uma filha. Todos os dias me levantava e fazia a minha vida com tranquilidade. Trabalhava na biblioteca a digitalizar livros e era feliz assim: a minha filha e o meu marido eram os meus pilares, mas o meu trabalho também o era, pois fazia o que queria e o que me dava mais prazer.

Então, devem estar a pensar como é que a minha vida mudou radicalmente, não é? Pois bem, um dia houve um atentado, levado a cabo por extremistas islâmicos, pelo menos é o que se pensa. O Presidente morreu e uma boa parte do Congresso também, o que levou a que o país declarasse estado de emergência. Resultado: fecho das fronteiras, censura e até mesmo pelo fecho dos jornais e como devem estar a pensar, sim, eu fiquei sem trabalho. Numa tarde, um grupo de militares armados invadiu a biblioteca e declarou que as funcionárias que lá trabalhavam estavam todas despedidas. Sem trabalho e sem saber como sustentar a minha filha, valia-me o meu pé-de-meia que tinha vindo a juntar ao longo dos anos. Não bastasse roubarem-mo, a minha conta bancária foi congelada e eu deixei de ter acesso ao meu dinheiro. Não ficamos por aqui: começaram a dirimir golpes contra as mulheres começaram a ganhar força, até que nenhuma mulher poderia ter bens. Claro que esta situação não me agradava e tentei lutar contra ela. Por isso, eu e o meu marido combinámos fugir de Gileade. Pegámos na nossa filha, arranjámos passaportes falsos e, quando passássemos pelos Guardiões da Fé da fronteira, iríamos dizer que íamos passear e fazer um piquenique. Como já devem estar a imaginar, tal não sucedeu. Acabámos capturados e foi a última

vez que vi a minha família. O meu casamento foi anulado e eu fui mandada para o Centro Vermelho, comandado pela Tia Lydia. Lá, fizeram-me uma espécie de lavagem cerebral obrigando-me a viver para servir os homens. As Tias incutiam-nos, a toda a força, que nós éramos meros objetos e que a nossa única função era trazer crianças ao mundo. Quando já estávamos ensinadas, elas mandavam-nos para as casas dos comandantes.

A mim, calhou-me a casa do comandante Fred e da sua esposa, onde fui obrigada a servi-los, pois esta era a minha única função no mundo, servi-los e dar-lhes um bebé.

Acho que estão a perceber como é o sítio onde eu vivo. Aqui, há uma hierarquia, tanto para os homens como para as mulheres, no entanto, é mais acentuada nas mulheres. Eu sou uma serva e por isso sou obrigada a usar vermelho, pois é a cor que me define, sou também obrigada a usar véu, para ninguém me ver e para se assegurarem que eu não olho para lado nenhum e só posso sair de casa com outra serva. As servas só podem andar aos pares, mas também só saio de casa para ir às compras ou ao Oravagança, uma espécie de local de culto, para mostrar que somos obedientes e devotas. Depois, existem as Martas que realizam as atividades domésticas, andam de verde e só usam véu quando saem à rua. Acima, encontram-se as Econoesposas, as mulheres dos homens pobres que se vestem com vestidos baratos e simples às riscas, estas mulheres não têm uma função, ao contrário das outras, estas têm de fazer tudo.

No que diz respeito aos homens, os comandantes são a patente mais elevada que nós conhecemos. Sabemos que existem homens com mais poder, mas nunca os vimos. Abaixo destes, temos os Anjos, que combatem e a quem estão prometidas, em casamento, as filhas dos comandantes e dos Guardiões da Fé. A nós, devem respeito e, por isso, não podem tocar em mulheres, apenas têm autorização para nos olhar. Na casa onde estou, vive o Nick, o motorista, que presumo que não tenha grande poder e que deva fazer tudo o que o comandante exige. Este não tem mulher, pelo que sei, os superiores não lhe atribuíram nenhuma.

Em Gileade, gostam de mostrar aos seus habitantes que quem contraria os superiores ou comete atrocidades é castigado com a morte, por isso, há um

muro em específico onde expõem os traidores para todos termos medo e não nos revoltarmos contra os superiores.

Esta república é apologista de práticas de humilhação e de negação, por isso, as mulheres que não podem ter filhos são rotuladas como as Não-Mulheres. Deixam de ser úteis. Também, rotulam os homens e mulheres que outrora se divorciaram, ou seja, os Não-Casamento. Neste momento, ninguém ousa pensa, mesmo de forma secreta, em divórcio. O seu futuro estaria certo no muro.

Com as novas leis deixou de haver dinheiro. Circulam umas fichas com imagens. Deixámos de poder ler e como tal, todas as palavras foram substituídas por símbolos, pois os nomes, segundo os superiores, são uma distração.

Não há creme de mãos, nem creme facial. Faz muito calor no verão, muito frio no inverno. A minha pele tornou-se uma montanha agreste, de cada vez que nos dão manteiga à hora de jantar, guardo-a para passá-la à noite pelo meu rosto.

Quando uma criança está para nascer, todas as outras servas são levadas pelos Guardiões da Fé, no Partomóvel, para auxiliarem as parturientes. Também as mulheres dos comandantes se juntam para apoiar a mulher que irá receber o bebé.

As mulheres dos comandantes têm, no seu domínio, o jardim. Ordenam, mantêm e cuidam do mesmo. A esposa do comandante Fred chama-se Serena Joy que, em tempos, foi cantora. Depois, passou a ser oradora e discursava sobre a santidade do lar e do lugar das mulheres em casa, para depois ficar presa na sua própria casa e nas suas próprias palavras.

Mas continuando com a minha história, acabei por fazer uma amiga, a Deglen, o que era totalmente reprimido em Gileade e que poderia levar à nossa morte. Ela era uma serva tal como eu e foi graças a ela que descobri que havia um grupo de oposição ao sistema chamado de Mayday. No entanto, os superiores devem ter descoberto pois substituíram a Deglen por uma nova Deglen. Ainda tentei perceber se esta Deglen conhecia este grupo e se os apoiava, mas esta revelou logo afastamento quando referi a palavra-passe Mayday. Fiquei receosa, pois percebi que ela sabia, mas que não era apoiante desta oposição, comecei a temer pela minha vida e fui para casa com estes

pensamentos a invadirem-me a cabeça. Quando cheguei a casa a mulher do comandante tinha descoberto que eu passava algumas noites com ele a jogar Scrable, não sendo esta a minha função, ficou furiosa comigo. Logo hoje que eu já vinha com tantos problemas tinha de ter mais um. Comecei a desesperar a andar de um lado para o outro no meu quarto e foi, então, que vi uma carrinha preta com homens armados, estava tudo terminado para mim, pensei.

O Nick entrou no meu quarto acompanhado de dois homens vestidos de preto e armados, pegou no meu braço e disse-me ao ouvido baixinho, Mayday, o que me deixou ainda mais confusa e sem perceber o que se estava a passar, será que ele pertencia à oposição ou será que ele sabia, porque era um Olho. Os Olhos sabem tudo. O comandante barafustou e exigiu saber porque me estavam a levar, mas os homens apenas disseram que eu tinha violado segredos do Estado.

Ao subir para a carrinha só pensava no que me iria acontecer.

E o que é que vocês acham? Será que isto é o fim ou um recomeço?

Pois bem, posso-vos contar que isto foi um recomeço. A carrinha levou-me até ao muro, lá tirei as minhas roupas e vestia-as num cadáver que iria ser pendurado em meu lugar. Estive escondida durante semanas numa cave escura e húmida, ninguém andava atrás de mim, pois todos pensavam que eu tinha morrido, mas não podia arriscar sair e ser vista.

Passado uns tempos as coisas acalmaram e o Nick contactou com um negociante Canadano com muito poder para me levar até ao Canadá. Tive muitas dúvidas de que esta manobra fosse funcionar, mas acabei por chegar à nova América, uma pequena sociedade fundada por refugiados de Gileade. Lá encontrei o Luke, o meu marido e juntos iremos começar a procurar a nossa filha.

E é aqui que a minha história termina.

Por agora vou continuar na busca pela minha filha e quando a encontrar talvez tenha uma nova história para te contar.

Até lá.